GRAMSCI: HISTÓRIA E REVOLUÇÃO

CINQUENTA ANOS DA MORTE DO REVOLUCIONÁRIO ITALIANO NAS PRISÕES DO FASCISMO

Oswaldo Coggiola⁽¹⁾

RESUMO: As notáveis inovações de Antônio Gramsci, no campo da sociologia marxista, devem ser analisadas levando-se em conta o seu objetivo principal: o esclarecimento das condições históricas para a revolução proletária. Gramsci realizou, em função disso, um verdadeiro balanço da história da era capitalista, e da teoria revolucionária (marxista) produzida nesse período. Mudanças importantes podem ser notadas entre o Gramsci que participou da fundação do PCI, logo após a revolução russa, e aquele que definiu seus principais conceitos, na prisão, depois da derrota para o fascismo.

ABSTRACT: The notable innovations of Antonio Gramsci in the marxist sociologic field must be analysed by considering its principal aim: the elucidation of the historical conditions for the laboring class revolution. Gramsci did a real balance of the history of the capitalist age and revolutionary theory (marxist) produced in that time. Important changes can be observed between Gramsci who had participated in the ICP foundation, after the russian revolution, and Gramsci, who had defined his main concept in prison after the deficit towards the facism.

Introdução

De Gramsci, toma-se aquilo que se quer. Faz-se dele, então, “o mais importante teórico político marxista do século XX” (Coutinho, 1987), o criador de uma “nova ciência política” (Pinheiro, 1987), um inovador que “revelou a riqueza de determinações pertinentes à sociedade civil no Ocidente burguês. (que) proclamou o fim do reducionismo de classe” (Merquior, 1987. p. 147, 154), para ficarmos em exemplos recentes, produzidos todos por autores com posições político-ideológicas muito diversas.

A operação ideológica de maior vão político, feita a partir do pensamento de Gramsci, foi sem dúvida a adaptação da sua noção analítica de *bloco histórico*, para a estratégia política de *compromisso histórico*, defendida pelo *eurocomunismo* (hoje praticamente reduzido ao *italo-comunismo*, depois das *debâcles* dos PCs espanhol e francês), e que continua a fundamentar a política do PC italiano. O fenômeno já foi constatado, dez anos atrás, por Perry Anderson:

“a grande amplitude dos apelos à sua autoridade, vindos de setores os mais opostos da esquerda, revela os limites do estudo

(1) Professor de História Contemporânea da FFLCH—USP

minucioso e da compreensão de suas idéias. O preço de uma admiração tão ecumênica é necessariamente a ambigüidade”
(Anderson, 1986, p. 7).

Hoje, só caberia acrescentar a setores fora da esquerda. Quanto à crítica, quando ela existe, geralmente se limita a tentar corrigir aspectos do seu pensamento — *“não formulou nenhuma concepção explicitamente pluralista do poder socialista”* (Merquior, 1987, p. 152) — *puxando-o* em direção de teorias políticas alheias à do próprio Gramsci, sem falar nas *aplicações* (termo que encerra um forte conteúdo dogmático) dos seus principais conceitos — *hegemonia, transformismo* etc. — aos contextos e situações mais diversas. Ora, a função da crítica deveria ser a de ir eliminando essa ambigüidade, mas isso só é possível tomando-se como parâmetro o eixo de todas as fases da vida e da obra do revolucionário italiano morto há cinquenta anos: a luta — política, teórica, ideológica — pela revolução proletária.

Gramsci, Teórico da Revolução Vitoriosa

O jovem socialista turinês que, no final da Primeira Guerra Mundial, procurava uma saída para o imobilismo da social-democracia, já então considerado como responsável principal pela escassa resistência do proletariado europeu à carnificina de 1914/18, foi naturalmente encontrá-la na revolução vitoriosa que vinha do Oriente: o outubro russo. A excepcional qualidade do teórico revelou-se no fato de que Gramsci não só reivindicou politicamente a revolução bolchevique, mas também tirou dela as lições históricas que lhe permitissem combater a teoria então imperante na II Internacional, uma sorte de fatalismo mecanicista travestido de *ciência marxista* responsável, para Gramsci (e para outros marxistas ocidentais), pelo imobilismo criminoso da social-democracia. A procura de Gramsci era anterior à revolução russa, pois já em fevereiro de 1917 afirmava que *“a ciência sofreu uma derrota, ou melhor, ela limitou-se a cumprir a única tarefa que lhe correspondia, e perdeu-se a confiança cega que se tinha nas suas deduções”* (Gramsci, 1917). Com a vitória bolchevique, esta recusa, além de se aprofundar, tomará uma forma positiva, no célebre artigo *A revolução contra O Capital*, de 1918 (isto é, contra a *ciência* que pretendia deduzir a revolução das leis da economia capitalista): *“(os bolcheviques) vivem o pensamento marxista, que não morre nunca, que é a continuação do pensamento idealista alemão e italiano, e que em Marx tinha sido alterado por escórias positivistas e naturalistas. Esse pensamento reconhece sempre como o maior fator da*

História, não os fatos econômicos em bruto, mas os homens (que) compreendem os fatos econômicos, os julgam e os submetem à sua vontade, até transformá-la no elemento motor da economia". Os bolcheviques, então, pensam que os canons do materialismo histórico só são válidos post-factum, para estudar e entender os acontecimentos do passado, e que não devem se transformar numa hipoteca sobre o presente e sobre o futuro. Contra a ciência fatalista da II Internacional, Gramsci opunha a vontade, vontade dos homens, e esse voluntarismo será a sua marca como teórico da revolução vitoriosa.

Não foram poucos os críticos mais recentes que viram nesse voluntarismo os traços do tardio idealismo italiano (cujo mais célebre representante era o filósofo Benedetto Croce, com quem Gramsci tentou ajustar as contas num período posterior), citado explicitamente por Gramsci no texto acima, chegando até ver nisso um *provincialismo* característico de Gramsci, que levaria alguns a rejeitar *in totum* o seu pensamento (Corte, 1976). O fato é que Gramsci elabora o seu voluntarismo baseado na experiência russa: *"a propaganda socialista criou a vontade social do povo russo. Por que esse povo deveria esperar que a história da Inglaterra se repetisse na Rússia, que se formasse na Rússia uma burguesia, que a luta de classes fosse suscitada para que nascesse a consciência de classe e que sobreviesse, enfim, a catástrofe do mundo capitalista? O povo russo passou por todas experiências no pensamento, ainda que fosse o pensamento de uma minoria. Ele superou essas experiências"* (Gramsci, 1917).

A diversidade das formações econômico-sociais, as diversas etapas do desenvolvimento econômico e social, as próprias experiências das classes sociais na sua luta, contam pouco: o decisivo é a *propaganda socialista* que é capaz de criar a vontade revolucionária com alto grau de independência desses fatores. Nesse voluntarismo, nitidamente idealista, que Robert Paris, citando os escritos juvenis de Gramsci — *"trata-se de pensar bem, seja lá o que for o que se pense, e, portanto, de agir bem, seja lá o que for o que se faça"* — chamou de socratismo (Paris, 1978, p. 60), o papel do desenvolvimento econômico-social (histórico) é apenas o de criar as condições, a classe social, capaz de levar à prática a propaganda (idéias), com relativa independência da sua própria história social e política: *"A partir de essa célula — a fábrica — considerada como uma unidade, como o ato criador de um produto determinado, o operário se eleva até a compreensão de unidades sempre mais vastas, até a própria nação. então sente o que é a classe e se transforma em comunista porque, para ele, a propriedade privada não é uma função da produtividade; e se transforma em revolucionário porque concebe o capitalista, o proprietário priva-*

do como um peso morto, como um obstáculo que é preciso eliminar. Então, verdadeiramente, concebe o Estado” (Gramsci, 1919).

Daí a função central e absolutamente auto-suficiente que Gramsci atribui nesta etapa aos Conselhos Operários, *experiência de auto-governo é de auto-educação*, onde o proletariado descobre que *o novo Estado é o seu Estado*. Para os gramscianos mais ardentes, como Roberto Giudicci, *“esta concepção dos Conselhos como construção de civilização constitui o aspecto mais moderno, menos espontâneo e mais atentamente calculado e meditado, da concepção marxista do salto dialético, da passagem revolucionária” (Giudicci, 1978, p. 119).*

Em qualquer caso, fazendo a economia da história do movimento operário, colocando o operariado como potencialmente apto para transformar o mundo, em qualquer momento, na medida do sucesso da propaganda socialista, e achando nisso o tema central da sua delimitação política com relação ao reformismo, Gramsci chega não só a postular uma teoria não-histórica da revolução proletária, mas também a minimizar o papel da *política* (e, portanto, do *partido* político dos comunistas) no processo revolucionário, atribuindo-lhe, sobretudo, uma função *educativa* acerca do objetivo final (estratégico) do operariado revolucionário. Esta concepção reflete as explosivas condições revolucionárias existentes então, não só na Itália, mas na Europa inteira, e era compartilhada por muitos outros dirigentes e correntes passados então, do socialismo ao comunismo bolchevista. A *esquerda comunista* alemã chamava o bolchevismo de *teoria da ofensiva* (contrapondo-a ao *defensismo* social-democrata). Nesta teoria, todas as mediações políticas (*táticas*) entre a situação imediata do proletariado e o seu objetivo final, eram absorvidas, através da propaganda, pelo próprio objetivo final (estratégico): a tática era absorvida pela *estratégia*. Gramsci foi o teórico mais brilhante dessa idéia, que teve em Lukács (com a sua noção de *atualidade da revolução* definida como o próprio do pensamento de Lenine) seu mais brilhante defensor filosófico.

A trajetória política de Gramsci, neste período, seria perfeitamente conseqüente com aquela teoria. Apesar da sua coincidência com o *sistema soviético* defendido pelos bolcheviques (o que levou a Lenine e Trotski a defender publicamente em *L’Ordine Nuovo*, o grupo e o jornal animados por Gramsci, a alternativa revolucionária para o socialismo italiano) ainda em setembro de 1920 (bem depois da fundação da Internacional Comunista) Gramsci vacilava em colocar a questão da ruptura política com o PS italiano (lembremos que Rosa Luxemburgo também se opôs, pouco tempo antes, a romper abertamente com a social-democracia alemã para aderir à IC), ruptura que

era colocada abertamente pela fração adversária, *esquerdista*, de Bordiga. A coincidência política de Gramsci com o bolchevismo nunca foi profunda, pois se se opôs ao *esquerdismo* bordighista, que dirigiu os primeiros anos do PC italiano (até conquistar a liderança partidária em 1924 e até 1926, quando será detido pelo governo fascista), e se fez parte da direção da IC (ficando em Moscou em 1922/23), Gramsci será também um opositor da *tática* da Frente Única, preconizada por Lenine e Trotski (na IC) quando as perspectivas imediatamente revolucionárias de 1918/23 deram lugar a um refluxo (e isto fazendo, eles não inventavam uma nova política, mas apenas generalizavam a experiência do bolchevismo russo na luta pelo poder em 1917). A estratégia gramsciana se recusava a admitir mediações táticas. Como diz Perry Anderson, *“o próprio Gramsci, como quase toda a direção do PCI, rejeitou obstinadamente a Frente Única na Itália e assim objetivamente facilitou a vitória do fascismo, que foi capaz de triunfar sobre uma classe operária profundamente dividida. De 1921 a 1924, os anos nos quais a IC procurou seriamente assegurar a implementação das táticas da Frente Única pelos maximalistas do PSI na Itália, tanto Bordiga como Gramsci recusaram a linha da IC e resistiram a ela. Quando Gramsci assumiu a liderança do partido, em 1924, e aderiu a uma política de fidelidade à IC, o fascismo já estava instalado e a IC havia ela própria abandonado em grande parte as táticas da Frente Única”* (Anderson, 1986, p. 57).

Derrotada a revolução e vitorioso o fascismo, a tática (política) e a própria história ganhariam um lugar de destaque no pensamento de Gramsci, de uma maneira singular, mas perfeitamente coerente com a sua anterior trajetória teórica e política.

Gramsci* Teórico da Revolução Derrotada

No final dos anos 20 e durante boa parte dos 30, nos principais países europeus, a revolução está derrotada, pelo nazi-fascismo no Oeste, pela contra-revolução stalinista no Leste. Os revolucionários continuam com uma atividade, agora mais propagandística e teórica, nas piores condições: a prisão ou o exílio (sem contar os que foram mortos). Trotski percorre, exilado, um mundo transformado num *planeta sem visto*. Christian Rakovski escreve nos campos de concentração stalinistas na Sibéria. No Ocidente, *“a solidão e a morte de Gramsci na Itália, o isolamento e o exílio de Korsch e de Lukács nos Estados Unidos e na URSS, marcaram o fim da fase em que o marxismo ocidental se mantinha ainda ligado às massas”* (Anderson, 1978,

* Todas as citações de Gramsci nesta seção pertencem aos Cadernos do Cárcere.

p. 46). Outro traço em comum dos revolucionários derrotados: procurando as causas da derrota, eles escrevem traçando o balanço de um longo período histórico ou revolucionário. Temos aí os monumentais escritos históricos de Trotski (incluindo o pequeno mas significativo *A noventa anos do Manifesto Comunista*), Rakovski remontando até a Revolução Francesa para explicar o stalinismo em *Os perigos profissionais do poder*, Lukács indo procurar no irracionalismo alemão a partir de Schelling as raízes ideológicas do nazismo (*A destruição da razão*), Arthur Rosenberg subtitulando seu *Democracia e Socialismo, Contribuição à história política dos últimos 150 anos*. O balanço histórico coloca a *política* (e não mais o desenvolvimento da economia capitalista, como na época de Marx) no seu eixo. E Gramsci, no cárcere, sem contato com aqueles (que também não tinham contato entre si, o que revela não estarmos diante de um acaso) escreve os seus Cadernos.

Gramsci partiu de um balanço do fracasso da revolução democrática na Itália (do mesmo modo que Marx nos seus principais trabalhos históricos, do mesmo modo que Trotski em 1905 e na sua história da revolução russa), tendo como eixo a incapacidade do partido democrático no século XIX: *“O partido da ação não podia, pela sua própria natureza, exercer esse poder de atração, já que estava ganho pelo medo de um terrorismo à 1793, reforçado pelos acontecimentos de 1848-49 na França, o que o levava a vacilar em introduzir no seu programa certas reivindicações populares (como a reforma agrária)”* César Corte assinala que Gramsci não precisa que *o perigo de 1848 na França* era nada menos do que a primeira revolução proletária na Europa, o que levaria Gramsci a colocar a covardia do partido democrático num plano ideológico, e não social (os partidos burgueses e pequeno-burgueses tendem a fechar fileiras com a contra-revolução quando o perigo da revolução proletária se desenha no horizonte, ainda que seja num outro país, já que a revolução proletária aparece como uma potencialidade européia, isto é, internacional) (Corte, 1976, p. 129).

Mas Gramsci não faz só um balanço *italiano* desse período, seu balanço, além de *européu*, inclui uma conclusão sobre a teoria revolucionária então elaborada: *“O conceito político assim chamado de revolução permanente, que veio à luz antes de 1848 como expressão cientificamente elaborada das experiências jacobinas de 1789 ao Termidor, pertence a um período histórico no qual os grandes partidos de massa e os sindicatos ainda não existiam e a sociedade vivia ainda, sob muitos aspectos, em um estado de fluidez. Havia um grande atraso e um monopólio virtualmente completo do poder político e esta-*

tal por um pequeno número de cidades, ou até mesmo por apenas uma delas” Duas observações imediatas:

- a) Marx elaborou o conceito de *revolução permanente* não antes, mas *depois* de 1848 (na famosa Circular à Liga dos Comunistas de 1850) justamente como balanço da incapacidade dos partidos democráticos em levar até o fim a revolução democrática (o partido proletário devia substituí-los em tal função, e seu grito de guerra deve ser: *revolução permanente!*, transformando a revolução democrática em proletária, questão que o Manifesto Comunista de 1847 deixava ainda em aberto). Durante 1848 só Blanqui parece ter usado a fórmula, e provavelmente Marx a tomou dele;
- b) a fórmula de revolução permanente não se referia ao grau de organização política e social das diversas classes (partidos de massa, sindicatos) mas à *dinâmica social* da revolução a partir da configuração do proletariado, enquanto classe diferenciada.

Gramsci, misturando os níveis histórico e político, tirou então conclusões históricas (isto é, válidas para o conjunto da teoria revolucionária) a partir das mudanças políticas: *“No período seguinte a 1870, com a expansão colonial da Europa, todos estes elementos se transformam. As relações de organização do Estado, no plano interno e internacional, tornaram-se mais complexas e sólidas e a fórmula de 1848 da revolução permanente reelaborada e superada na ciência política pela fórmula de hegemonia civil. Ocorreu na arte da política o mesmo que havia acontecido na arte militar: a guerra de movimento se tornou cada vez mais guerra de posição e pode-se dizer que um Estado ganhar uma guerra na medida em que ele se prepara para ela minuciosamente e nos seus aspectos técnicos em tempos de paz. A sólida estrutura das democracias modernas — tanto as organizações estatais como as associações complexas da sociedade civil — é para a arte da política o que as trincheiras e fortalezas permanentes do front são para a guerra de posição. Elas fazem com que o elemento do movimento, que costumava ser tudo na guerra, se torne meramente parcial”*

Assim, vemos como o Gramsci teórico das revoluções derrotadas percorre agora o caminho inverso ao do teórico da vitória. É a partir de mudanças não-qualitativas, mas de grau (*mais sólido, mais complexo*) na configuração *política* das classes, que ele tira conclusões que afetam (chegando a negar) toda a linha *estratégica* anterior (objetivo

histórico). A mudança proposta na arte da *política* revolucionária (*tática*) — guerra de posição em vez de guerra de movimento, luta pela *hegemonia civil* — é confrontada com a *estratégia* (revolução permanente), negando-a. A estratégia é absorvida pela tática, invertendo o percurso anterior, mas mantendo a lógica de não distinguir entre uma e outra. O Gramsci vitorioso diluía a política na história, o Gramsci derrotado dilui a história na política. Prova disto tudo é que o correlato político da teoria desenvolvida nos Cadernos do Cárcere, foi o reclamo por parte de Gramsci da adoção das *táticas da Frente Única* (incluído o reclamo de uma Assembléia Constituinte para opor as massas ao fascismo) contra o fascismo, pela Internacional Comunista, ele que as tinha rejeitado no início dos anos 20, na direção do PCI. O que na IC era uma unidade (*tática de Frente Única, estratégia de revolução permanente*), transformava-se, em Gramsci, em oposição. A fraqueza deste ponto de vista de Gramsci, hoje já criticada, não impediu que, no plano político, ele convergisse com a Oposição no PCI, animada por Trotski, contra a linha ultra-esquerdista do *terceiro período* defendida pela IC de Stalin e pelo PCI, a partir de 1927 e até 1934. Mas essa foi uma coincidência objetiva, não-explicita nem consciente, o que não impediu àquela corrente de reivindicá-la retrospectivamente (Massari, 1977). É preciso destacar que se tratou, assim mesmo, de uma convergência real, como o prova o fato de que, se a Oposição trotskista tinha sido excluída do PCI, Gramsci também foi excluído, de fato, ao serem censuradas as críticas que, desde a prisão, ele fez chegar à política do *terceiro período* seguida pela IC e o PCI (o seu antigo camarada Togliatti foi o encarregado de exercer essa censura).

Mas a coincidência, circunstancial, política — sobre cujo futuro eventual é impossível dizer alguma coisa, pois Gramsci morreu na prisão sem conhecê-la — não pode ocultar a básica divergência teórica. Assim, Gramsci insistia em que “*deveria ser examinado se a famosa teoria de Trotski sobre o caráter permanente do movimento não é o reflexo político. de condições econômico-culturais e sociais em um país cujas estruturas de vida nacional são embrionárias e frouxas e incapazes de se tornar trincheiras ou fortalezas*” A improcedência desta crítica do ponto de vista teórico, foi colocada acima. Perry Anderson demonstrou também que ela não era procedente, do ponto de vista político e, sobretudo, do ponto de vista militar, onde Trotski tinha demonstrado, teórica e praticamente (como líder militar do Exército Vermelho) a inexistência de uma contradição absoluta entre *guerra de posição* e *guerra de movimento*, que deviam ser concebidas como momentos diferentes e diferenciados de uma única *estratégia* militar (a assimilação, incluso terminológica, das estratégias política

e militar, era um traço comum a todos os dirigentes comunistas da época, e inspirou visivelmente as analogias de Gramsci).

Parece-nos que a análise dos riquíssimos conceitos elaborados por Gramsci para compreender os problemas da luta revolucionária nos países de capitalismo avançado (a luta pela *hegemonia civil*, a teoria das alianças de classe, a teoria sobre os intelectuais etc.), campo no qual foi em muitos aspectos um pioneiro, deve partir da sua matriz histórica: o balanço por ele realizado de mais de um século de história, e da teoria revolucionária elaborada a partir dela. Perry Anderson fez a mais importante incursão crítica no interior desses conceitos, porém sem adotar aquele ponto de partida. Concluiu em que a estratégia de Gramsci dos Cadernos “*representou um tipo de ajustamento estóico a perda de toda esperança imediata de uma vitória no Ocidente*” (Anderson, 1986, p. 67). Essa conclusão deve ser, no mínimo, ampliada. Quando se pensa em *aplicar* os conceitos de Gramsci (por exemplo, à realidade brasileira) deve-se levar em conta não só a crítica de que esses conceitos foram objeto, mas também que toda utilização de um marco teórico-conceitual deve ser criativa o suficiente como para reagir sobre o conjunto da teoria. Essa é a única maneira de responder ao enorme desafio lançado, há mais de cinquenta anos, pelo extraordinário revolucionário italiano, no meio de um penoso combate contra a prisão, o isolamento, a censura e a doença, o que torna ainda mais notável o fato de que o desafio permaneça inteiramente em pé.

Referências Bibliográficas

- 1 — ANDERSON, Perry. As antinomias de Gramsci. In: *Crítica Marxista*. São Paulo, Joruês, 1986.
- 2 — ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Lisboa, Afrontamento, 1978.
- 3 — CORTE, César. L'idéalisme de Gramsci. *La Vérité*, (573), sept. 1976, (574), dec. 1976.
- 4 — COUTINHO, Carlos N. Universalidade que se amplia geograficamente. *Folha de S. Paulo*, 25 abr. 1987.
- 5 — GIUDICCI, R. Gramsci et l'Ordine Nuovo. In: *Arguments/4, Révolution/Classe/Parti*. Paris, U.G.E., 1978.

- 6 – GRAMSCI, A. *La Città Futura*, 11 feb. 1917.
- 7 – GRAMSCI, A. *Avanti*, 24 nov. 1917.
- 8 – GRAMSCI, A. *L'Ordine Nuovo*, 8 nov. 1919.
- 9 – MASSARI, Roberto, org. *All'opposizione nel PCI con Trotsky e Gramsci*. Roma, Contracorrente, 1977.
- 10 – MERQUIOR, José G. *O marxismo ocidental*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987
- 11 – PARIS, A. Le socratisme de Gramsci. In: *Arguments/4, Révolution/Classe/Parti*. Paris, U.G.E., 1978.
- 12 – PINHEIRO, Paulo Sérgio. A dimensão do poder escapa da cela. *Folha de S. Paulo*, 25 abr. 1987.

FICHA CATALOGRÁFICA

COGGIOLA, O. Gramsci: história e revolução. Cinquenta anos da morte do revolucionário italiano nas prisões do fascismo. *Revista da Universidade de São Paulo*. São Paulo, (5): 57-66, jun. 1987.